

“A COVID-19, UMA GRIPEZINHA!”: A INTERFACE ENTRE O OLHAR PARMENIDIANO E GORGIANO ACERCA DO DISCURSO OFICIAL FRENTE À PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Marcelo Vieira da Nóbrega¹

orcid.org/0000-0002-1692-959X

RESUMO: A pandemia da COVID-19 no Brasil, ainda vigente, expõe uma realidade multifacetada por inúmeros discursos construídos nos quais se entrelaçam: vacina, negacionismo científico, ironia, cinismo e muitas mortes. Busco, neste trabalho, investigar, a partir do pensar Parmenidiano, a força da palavra que mais foi impactada à luz da discussão: o saber, com sua verdade e suas repercussões no cotidiano de uma República de mais de 200 milhões de seres brasileiros à mercê de uma guerra de opiniões que beirava discursos de ódio e ironia pontada por estupidez. Recorri ao diálogo platônico de Górgias com Sócrates para identificar de que forma os discursos presidenciais construíram, à base de uma retórica estratégica, uma cadeia de discursos negacionistas que se alastraram pelo país, quase sempre minimizando não só o discurso científico em defesa de uma vacina, mas também retardando qualquer possibilidade de agilização de uma vacina que combatesse o coronavírus. Insistentemente, à revelia do rápido desenvolvimento da vacina, o discurso retórico-negacionista tentou, e em muitos casos obteve sucesso, com seu “semelhante poder de fazer do médico seu escravo, e até convencer os juízes nos tribunais”, no dizer de Górgias no momento em que, respondendo à provocação de Sócrates, arquiteta a sua teoria da eficácia da arte da retórica. Em outra perspectiva, lancei mão, à luz da Análise do Discurso na Linha Francesa, das noções de discurso enquanto um constructo histórico-ideológico, construído por formações imaginárias que se vão tecendo e determinando as nossas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Covid-19. Negacionismo científico. Discurso. Verdade.

“COVID-19, A LITTLE FLU!”: THE INTERFACE BETWEEN THE PARMENIDIAN AND GORGIAN PERSPECTIVES ABOUT THE OFFICIAL DISCOURSE IN FRONT OF THE CORONAVIRUS PANDEMIC

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic in Brazil, still in force, exposes a multifaceted reality by numerous discourses constructed in which they are intertwined: vaccine, scientific

¹ Doutor em Linguística (UEPB). Professor efetivo do Departamento de Letras e Artes (DLA/UEPB), CAPF (Central Acadêmica Paulo Freire). Graduando do Curso de Filosofia (UEPB). Líder do GRUPEO (Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade), cadastrado no CNPQ. E-mail: marcelaodocantofino@gmail.com

denialism, irony, cynicism and many deaths. In this work, I seek to investigate, from Parmenidian thinking, the power of the word that was most impacted in the light of the discussion: knowledge, with its truth and its repercussions in the daily life of a Republic of more than 200 million Brazilian beings at the mercy of a war of opinions that bordered on hate speech and irony tinged with stupidity. I resorted to the Platonic dialogue between Gorgias and Socrates to identify how the presidential speeches built, based on a strategic rhetoric, a chain of denialist speeches that spread across the country, almost always minimizing not only the scientific speech in defense of a vaccine, but also delaying any possibility of speeding up a vaccine that would fight the coronavirus. Insistently, despite the rapid development of the vaccine, the rhetorical-denial discourse tried, and in many cases succeeded, with its “similar power to make the doctor its slave, and even convince the judges in the courts”, in the words of Gorgias in the moment when, responding to Socrates' provocation, he devises his theory of the effectiveness of the art of rhetoric. In another perspective, I used, in the light of Discourse Analysis in the French Line, the notions of discourse as a historical-ideological construct, built by imaginary formations that are weaving and determining our actions.

KEYWORDS: Pandemic. Covid-19. Scientific denialism. Speech. Truth.

INTRODUÇÃO

O discurso² que subjaz à afirmação do Chefe do Executivo Federal, transcrita no título deste trabalho, esconde a grande ironia³ fundida em sarcasmo e desdém: o que afirmou contradiz estrategicamente o que pensava que de fato viria a acontecer: a Covid-19 não é nem nunca foi uma gripezinha. Durante dois anos e cinco meses, matou quase seis milhões e meio

² Recorro aqui ao conceito de discurso proveniente da Análise do discurso da Linha Francesa: “é um suporte abstrato que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semiótico-narrativas. É, portanto, uma construção ideológica e sócio-histórica” (GREGOLIM, 1995, p. 17). “O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (PÊCHEUX, 1990, p.18, ap. GREGOLIM, 1995, p. 18). (Disponível em: <www.periodicos.fclar.unesp.br>. Data da consulta: 22/08/2022).

³ Do grego antigo *ειρωνεία*, isto é, dissimulação. Figura de retórica por meio da qual se passa uma mensagem diferente, muitas vezes contrária à mensagem literal, com objetivo de criticar ou promover humor; caracteriza-se pelo emprego inteligente de contrastes, literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos; uso sutil e delicado da crítica irônica; uso de palavra, expressão ou aceção de caráter sarcástico; zombaria. (Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>. Data da consulta: 22/08/2022).

de pessoas⁴ no mundo. Somente o Brasil, segundo colocado no ranking de óbitos no planeta, foi responsável pela morte de quase setecentas mil pessoas⁵. Portanto, 10,6% de todas as mortes no planeta, vítimas da Covid-19, ocorreram no Brasil. As tentativas reiteradas de negar a afirmação entram em contradição com sua fala, conforme vemos nas transcrições a seguir: “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”. Quatro dias depois, voltou a usar o termo em pronunciamento nacional em rádio e TV (...) nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho.⁶

Devo rapidamente esclarecer o leitor do percurso sintático-semântico⁷ que devo empreender para – a partir da ironia da sentença – deslindar as repercussões semânticas e, com efeito, filosóficas, que dela advêm, e cujos efeitos práticos, infelizmente por vias trágicas, têm confirmado: A Covid não é uma gripezinha. (grifos meus), ao contrário do que por inúmeras razões apregoava boa parte do senso comum⁸, quer seja o povo, de alguns governantes nem sempre republicanos, quer, inclusive, de parte da ciência.

Começo por desvelar sintática e semanticamente a ironia em “A Covid-19 é uma gripezinha”. Há dois elementos em ação no jogo sintático: *Covid-19* (sujeito sintático; tema, termo referido, isto é, sobre o que se fala) e *gripezinha* (predicado, rema, referente, isto é, informação nova para a qual todo o discurso se reporta). Mediando ambos os termos, se têm o

⁴ Total de óbitos atualizados até 21/08/2022: 6.454.606. (Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/pandemia-ainda-nao-acabou-mantenha-se-informado-em-tempo-real-sobre-a-difusao-da-covid-19-no-mundo>>. Data da consulta: 22/08/2022).

⁵ 682.587 mortes em 24 horas, dados de 21/08/2022. (Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/08/21/covid-19-brasil-registra-neste-domingo-a-menor-media-movel-de-mortes-desde-junho.ghtml>>. Data da consulta: 22/08/2022).

⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Data da consulta: 27/08/2022.

⁷ Sintaxe: do grego *śyntaxis*, posição em ordem; em latim *syntaxis*, ordem, disposição das palavras, de onde provém o acusativo *syntaxe(m)*; daí para a língua portuguesa: sintaxe, isto é, ramo da gramática que trata da ordenação e/ou interrelação, quase sempre rígida, que ocorre entre os termos de uma oração.

⁸ Segundo Platão, trata-se da opinião, o que se situa entre o conhecimento e a ignorância (*A República*, Livro V, Tradução de Enrico Corvisieri, São Paulo: Nova Cultura, 2000, p. 185). Parece ser, aos olhos de Parmênides, o portal que separa o dia (lugar do ser, da razão, do *logos*, do conhecimento, do saber, do pensar, morada dos imortais, da justiça e da verdade comandadas pela deusa) da noite (lugar do não-ser, do não-ser, dos sentidos, da opinião, lugar que, segundo a deusa, do qual todos devem se afastar, porque reina a ignorância, morada dos mortais, que nada sabem, incapazes de mente errante) (*Da Natureza*, I, 11; VI, 4-6).

verbo ser⁹ (é), do ponto de vista sintático funcionando meramente como cópula, nada além disso.

Portanto, objetivo analisar os pontos de contatos entre a ironia suscitada no discurso¹⁰ presidencial e os conceitos filosóficos do ser e do não-ser de Parmênides,¹¹ marcados pelos apelos e admoestações da deusa parmenidiana dirigidos aos jovens sedentos de respostas, presentes no poema deste eleata. Ademais, investigo de que forma o pensar dos sofistas, em especial em Górgias,¹² podem ajudar a esclarecer os ditos e não-ditos na ironia do discurso posto. Para tal, suscito algumas questões norteadoras, dentre as quais destaco: Quais as razões que povoam o discurso de minimização e/ou relativização da letalidade da doença? Por que grande parte de tais discursos são encabeçados por líderes mundiais de declaradas orientações político-ideológicas¹³ da chamada onda de direita que vem invadindo o mundo nos últimos cinco anos? Qual o comportamento da ciência frente à pandemia e de que forma ela tem contribuído para desfazer, por exemplo, as atitudes de tais líderes?

Para tal, devo, no percurso, recorrer diretamente aos versos do texto parmediniano *A natureza* que julgo mais relevantes de serem esclarecedores à questão, afinal, compreendo que a poesia, dentre muitas finalidades estéticas e humanas, com efeito, sempre foi forte expressão libertária e libertadora dos anseios e angústias do povo.

⁹ O verbo SER (do grego *EINAI*, apresenta três acepções básicas: a existencial, que vigorou até aproximadamente o Séc. IV a.C, e se marcou pela fusão com o verbo EXISTIR (*einai*): (Eu sou = eu existo); a identitativa (tal como em *A beleza é bela*); e por fim, a predicativa, a tendência dominante em nossos manuais de gramática, e cuja referência aqui lanço mão.

¹⁰ Discurso é aqui entendido como suporte abstrato que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade. Estuda os ditos (explícitos) e os não-ditos (implícitos). Via de regra é estudado pela Análise do Discurso. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas, presentes no texto. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). . (GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A Análise do discurso: conceitos e aplicações*. In: Revista Alfa. São Paulo: 1996. Pág. 13-21).

¹¹ *Da Natureza*. Tradução, notas e comentários José Trindade dos Santos. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

¹² *Paráfrase do MXG do Tratado do Não-Ser de Górgias de Leontinos*. Apresentação e tradução de Aldo Dinnucci. In: *Trans/Form/Ação*. São Paulo: 31(1): 197-203, 2008; *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Coleção Mare Nostrum. Edições Colibri. Lisboa: S/d.

¹³ A “ideologia” é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. (GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A Análise do discurso: conceitos e aplicações*. In: Revista Alfa. São Paulo: 1996. Pág. 13-21)

1 – A GRIPEZINHA: ENTRE DITOS E NÃO DITOS

Começo buscando desvelar a ironia *A Covid-19 é uma gripezinha!* O predicativo *gripezinha*, estrategicamente posta no texto revela, no dito, insignificância, desprezo, pequenez e inofensividade; no não-dito, tragédia, devastação, dor e morte em massa. Mediando o sujeito sintático (*A Covid-19*) e o predicado (*uma gripezinha*), posiciona-se o verbo ser (*é*), simples ligação, cópula. A capacidade de alguém desnudar a força da ironia é diretamente proporcional ao alcance do eco gerado pelo grito da deusa de Parmênides, isto é, quão mais se consegue entender que a Covid-19 *não-é* uma gripezinha, tanto mais se compreende as razões do apelo da deusa aos jovens. Para Parmênides, “é necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser, enquanto *o nada não é*; nisto te indico que reflitas” (PARMÊNIDES, VI, 1-2, ap. SANTOS, 2013, p. 74, grifo meu). Como se sabe, a base da metafísica de Parmênides classifica o ser, no dizer de Santos, como

(...) tudo aquilo que se pode chegar a partir do pensar. Logo se percebe que é o único pensamento possível: todo o pensamento, o único lugar onde o discurso e a realidade se encontram: a verdade (*alêtheia*), o “é”, coincidem a predicação, a existência e a verdade” (SANTOS, 2013, p. 71).

Assim, para Parmênides, o ato de pensar é o pressuposto fundante para se atingir a plenitude do ser. Afora isso, tudo é não-ser, nada, nada valendo a pena especular sobre, já que nada é; nada se pode falar sobre o que nada é. A verdade criada pelo marketing presidencial e seus seguidores, marcada pelo predicado *é uma gripezinha!* anula, ou obscurece, estrategicamente, a realidade. Esta, a realidade do discurso, ao mesmo tempo em que nega o discurso de letalidade - assumindo-se como um não é – também o é, já que tem sido devastadora. Eis o princípio fundante da ironia, e até do sarcasmo, marqueteiro: por uma lado, é; realidade materializada no discurso *é uma gripezinha!*; por outro, não é; não existe gripezinha nenhuma, mas uma pandemia devastadora. Aqui é e não é são; não-ser é e não é ao mesmo tempo: é vida, na realidade do discurso do marketing letal; e é morte nos efeitos que daí advêm desta crença, a da gripezinha. De toda forma, só a busca da verdade conduz à verdadeira realidade.

Nesta perspectiva, enquanto gripezinha, que é, - mas que no discurso oficial nada é, - a Covid-19 já vitimou no mundo mais de seis milhões¹⁴ de pessoas. O embuste que se revela quando desnudamos a ironia desvela que a “ingênua” cópula “é”, quando fundida ao seu predicado “gripezinha”, fundindo-se em “é gripezinha”, protagonizam no discurso a maior das verdades, a qual se sinonimiza através de predicados tais como: mortal, letal, brutal e segregadora.

Com efeito, por vias calculadas, a estratégia dos marqueteiros, que comandam, por exemplo, os discursos de governantes como Donald Trump (EUA) e Jair Messias Bolsonaro (Brasil) – que negam cínica e ironicamente a letalidade da doença – têm se revelada eficaz. O primeiro, em meio ao recrudescimento da segunda onda doença em seu país, tentando desesperadamente, por meio da dor e da ignorância alheias, se reeleger. O segundo, talvez imitando o primeiro, repete a estratégia de, a todo momento, desqualificar a doença, à revelia também da dor alheia. Para ambos, a Covid-19 quase *nada é* salvo uma gripezinha, se transforma em *é tudo*, após o desvelo da ironia.

Por vias tortas, a tentativa do discurso de desmontar a letalidade da doença fideliza a condição parmediniana do não-ser: montado a partir da manipulação das massas, da falsa sensação de tranquilidade e de diminuição da doença, da crônica rota e bilionária da grande imprensa a manipular dados e estatísticas de mortos aos montes, da cegueira

(...) dos mortais que nada sabem, que vagueiam, com duas cabeças: pois a incapacidade lhes guia no peito a mente errante; levados surdos ao mesmo tempo que cegos, aturdidos, multidão indecisa (PARMÊNIDES, VI, 5-7, ap. SANTOS, 2013, p. 75).

à espreita para sair às ruas, sem máscaras e/ou subterfúgios, pronta a se livrar da razão incômoda, indutora do pensamento, à espera, ironicamente, do maior produto desta mesma razão, a vacina, a caixa de pandora salvadora da humanidade.

¹⁴ Os dados mais recentes apontam para 6.454.606 o total de mortes provocadas pela pandemia da Covid-19. (Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/pandemia-ainda-nao-acabou-mantenha-se-informado-em-tempo-real-sobre-a-difusao-da-covid-19-no-mundo>>. Data da consulta: 27/08/2022).

Neste caso, a massa indócil projetou na “divindade da vacina” a salvação e o selo de autenticidade e de verdade que os jovens, cegos desta mesma verdade, por exemplo, esperam da deusa no belo próêmio do texto de Parmênides. Entretanto, com uma diferença: neste texto há uma procura consciente e deliberada na busca de respostas “às filhas sol”, através de um único objetivo: a luz da verdade e do saber, “o bom destino, (...) o do direito e a justiça” (PARMÊNIDES, I, 27-29, ap. SANTOS, 2013, p. 54), bases do ser parmenidiano.

Por sua vez, por trás da crônica da morte anunciada dia a dia pela mídia (a grande deusa encantadora), a cada momento se percebeu o embuste, o mascaramento, a omissão e/ou banalização latentes no discurso dos governantes manipuladores de plantão a superestimar e/ou omitir estatísticas de mortos em benefício próprio, já que, por exemplo, a liberação de verbas públicas para o combate à pandemia tem sido diretamente proporcional ao número de mortos em estados e municípios no Brasil. Maquiam-se dados para justificar a contabilidade da morte. Neste ponto, a recomendação da deusa é inabalável e infalível:

Terás, pois, de tudo aprender: o coração inabalável da realidade fidedigna e as crenças dos mortais, em que não confiança há genuína. Mas também isso aprenderás: como as aparências têm de aparentemente ser, passando todas através de tudo (Op. cit. Idem).

No jogo de aparências que constitui a base do não-ser de Parmênides, inseparáveis são a condenação radical do costume, “os olhos que não veem”, ouvidos que não ouvem, “o ser carente”, “incompleto”, “que tudo lhe falta”, “o caminho obscuro, desconhecido”, caminho que não conduz ao pensar, inimigo, portanto, do ser. A espera pela vacina salvadora, sem o cuidado prévio pelo uso de máscara, a apatia, a indiferença, quando aliadas à ignorância de um povo em tempos de eleições municipais, pareceram constituir o amálgama perfeito para os gestores, pouco republicanos, consolidarem a estratégia de manutenção dos milhões de não-seres. Recorro à pertinente análise de Santos acerca da constituição destes não-seres:

O não-ser não é o contrário de ser. É apenas outra coisa diferente do ser. No sentido predicativo – por exemplo. “Carlos é amável”, ou “Carlos não é amável” significa que no sentido em causa não se manifesta a amabilidade. (...) Não implica um defeito real, mas tão só a ausência de uma qualidade (SANTOS, 2013, pp. 101-102).

Como já afirmei anteriormente, na ênfase sintático-semântica que constitui os sentidos do verbo ser fundem-se sujeito, cópula e predicado. Como se vê, Parmênides reconhece o não-ser projetado nos predicados, nas aparências de ser, na falsidade, na mentira, enfim, na ausência de qualidades do ser. Parece ser isso, salvo juízo em contrário.

Com a concepção de que é o ser que funda e consolida o saber, Parmênides parece ser a chave da filosofia: ser, saber, conhecer (*cognoscere*, do latim, nascer para o conhecimento) e distinguir. Tudo que vai de encontro a esta tríade é seara do não-ser. A recomendação da deusa é radical: “Não dirás o que não é” sob pena de quebrar a harmonia do amor ao saber, inaugurado por Parmênides, é o novo paradigma que substitui o amor à natureza e ao cosmo, da velha filosofia.

2 – QUANDO O MARKETING DO DISCURSO OFICIAL FAZ CIÊNCIA: A VEZ E A VOZ DOS SOFISTAS DE PLANTÃO

A questão sobre a qual agora me debruço está na base do discurso que inaugura o grande iceberg de argumentos que hospeda nos seus não-ditos um mundo de outros discursos que circulam socialmente e cuja ponta (a do iceberg) só mostra os ditos estrategicamente manipulados por marqueteiros que tornam os sujeitos envolvidos não mais que seus ventrículos: só dizem o que tais profissionais ditam o que aqueles têm a dizer.

Assim, o discurso da *gripezinha* é meticulosamente preparado, experimentado e aplicado ao povo saturado por uma pandemia que vem se arrastando há mais de dois anos. Como vimos, a ironia que eufemiza a tragédia é apenas um dos muitos recursos dos quais os marqueteiros – ousaria até chamá-los de sofistas – lançam mão para convencer a população da “estabilidade” e/ou “diminuição” dos casos de mortes provocadas pela doença.

Aqui, o cuidado com a verdade, com o rigor da ciência em testar uma vacina eficaz – apregoando que, se não havia vacinas, o isolamento e os *lockdowns* seriam as únicas saídas para o controle da doença -, o respeito ao distanciamento social necessário, a discussão acerca da eficácia do uso de certos ‘medicamentos preventivos’, cujas pesquisas já provaram a sua ineficácia para combater a doença, foram a cada dia relativizados e/ou mitigados pelo gestor público de plantão em nome de um discurso no qual a opinião prevalece sobre a razão; a palavra

da autoridade – que eu chamo de desautorizada - (o logos), a opinião, “com alto poder de letalidade” invadiam as mentes do imaginário popular¹⁵ e, como um vírus, o manipula estrategicamente. Tudo é mídia e faz sucesso. É a mesma opinião à qual Platão, no Livro V de *A República*,¹⁶ se reporta como a intermediária entre a ciência e a ignorância. Em outra perspectiva, Aristóteles, no Livro IV da *Metafísica* – no momento em que defende a função do filósofo na busca do rigor, da verdade, na busca do ser, ataca impiedosamente os sofistas, ao compará-los à aparência de filósofos;¹⁷ trata-os como antiéticos professores remunerados, acusando-os de manipuladores de opiniões.

O registro de Górgias aqui se reporta ao fato de que é dele a teoria da completa desconstrução do discurso do ser parmenidiano. Através de um jogo arquitetado de argumentos, marcado pelo princípio da não-contradição, este sofista lança mão de três premissas básicas para empreender as bases de sua teoria, todas confrontantes ao nosso eleata: a primeira, da completa inexistência de tudo, do ser (e, com efeito, do não-ser); a segunda, da tese de que, caso esse ser existisse, ele seria incompreensível; e por fim, a de que seria impossível de se comunicar a outrem, já que os sentidos seriam incomunicáveis a outros. Os pilares do ser e, com efeito, do não-ser, de Parmênides – marcados pela imutabilidade e unicidade do ser; pela força do pensar, marca do ser; pela inexistência peremptória do não-ser - são transformados por Górgias em nada, coisa alguma, absolutamente incomunicáveis, através do meticuloso desvelar das ambiguidades levantadas por Parmênides. Entretanto, é a através da mediação da palavra - que, segundo Górgias, “é diferente da coisa”, já que “ninguém diz nem o som nem a cor, mas a palavra” (GÓRGIAS, ap. DANUCCI, 2008, p. 201) - que este sofista finca as raízes preliminares de uma pioneira teoria da linguagem, base do pensar sofisticado, segundo a qual o eixo do pensar se desloca da busca rigorosa da verdade, por meio da razão, do ser, para o do convencimento, por meio da palavra (logos), pelo sucesso da argumentação, pela construção de armadilhas criadas pela própria linguagem – as ambiguidades, por exemplo. Tudo em nome da promoção pessoal, da busca do poder, cuja essência “depende da capacidade de influenciar os

¹⁵ Em trabalho posterior deverei abordar a relação entre o pensar platônico, os poetas e o popular; as críticas, as ressalvas, as contradições, sempre à luz de um pensar que privilegia os ditos e os não-ditos nos discursos envolvidos.

¹⁶ (PLATÃO, *A República*, V).

¹⁷ (ARISTÓTELES, *Metafísica*, IV, 1004, b18).

outros. Essa capacidade, por fim, assenta toda, ou em boa parte, no domínio do discurso. E é essa receita de Górgias para o sucesso” (GÓRGIAS, ap. DANUCCI, 2008, p. 105).

Este é, portanto, o cerne do discurso sofisticado, tão duramente criticado por Aristóteles: o correto exercício do discurso, eficaz, preciso e eloquente, como ferramenta de expressão de poder, em especial poder político; discurso como arma de persuasão, para ambos os lados: para o bem e para o mal. Para Górgias, nada é, mas, se, por ventura, for, só o será por uma única razão: pela força da palavra. Assim declara: “nada é; se é algo, é tanto porque as coisas não são as palavras quanto porque ninguém tem no espírito a mesma coisa que outra pessoa”. (Op. cit. p. 201-202). A “gripezinha”, enquanto irônico eufemismo, e defendida publicamente através do discurso do gestor público de plantão, nada mais é que uma estratégia de docilização (expressão esta de Foucault) de uma tragédia plenamente anunciada; docilizar a dor para manter o status político e, com efeito, angariar muitos votos, em um período eleitoral. Como não há o que chamo de docilização da dor sem docilização de corpos, recorro tanto a Platão, em *O Sofista*, como a Foucault, em *Vigiar e Punir*. Por meios e estratégias distintas, ambos põem em cena a ideia de docilização como cara nas suas teses. Senão vejamos. Teeteto e o Estrangeiro, em *O Sofista*, tratam, em um longo diálogo, acerca da importância dos sofistas para o que chamam de arte suprema da purificação das almas em busca da educação. Em uma longa explicação acerca das estratégias de que os sofistas lançam mão para convencerem os seus interlocutores das eventuais presunções do saber destes, O Estrangeiro assim trata:

O Estrangeiro: Formulam uma série de perguntas sobre assunto em que o interlocutor pensa responder com vantagem, quando a verdade é que não diz coisa com coisa; depois, aproveitando-se de sua desorientação lhe rebatem facilmente as opiniões, que eles amontoam na crítica a que as submetem e, confrontando umas com as outras, mostram como se contradizem sobre os mesmos objetos em idênticas relações e igual sentido. *Os que se veem assim confundidos, acabam por desgostar-se de si próprios e passam a mostrar-se mais dóceis com relação aos outros*; isso os livra do exagerado conceito que faziam deles mesmos, o que, de todas as liberações, é a mais agradável de se ouvir e a de melhor efeito para o interessado. *O que se dá, meu caro menino, é que esses purificadores pensam exatamente como os médicos do corpo, os quais acreditam que o corpo não tira benefício algum dos alimentos sem primeiro remover alguém o que o perturba*. O mesmo pensam aqueles a respeito da alma, que não pode colher vantagem dos ensinamentos ministrados, enquanto não for submetida a crítica rigorosa e a refutação não a fizer enrubescer de vergonha, com livrá-la das falsas opiniões que servem de obstáculo ao conhecimento e, assim purificada, levá-la à convicção de que só sabe o que realmente sabe, nada mais do que isso.

Teeteto: Sem dúvida; essa é a melhor e mais sábia disposição.

Estrangeiro: Por isso mesmo, Teeteto, devemos dizer que a refutação é a maior e mais eficiente purificação, sendo forçoso concluir que o indivíduo que se eximir a esse processo, ainda mesmo que se trate do grande Rei, é impuro no mais alto grau, ignorante e deformado naquilo em que deveria mostrar-se mais extreme e mais belo, caso queira alcançar a verdadeira felicidade.

Teeteto — Perfeitamente.

(PLATÃO, 2003, p. 16. Grifos nossos)

Como se vê, na busca do que se propõe como purificação máxima do argumento, caminho necessário ao poder convencimento sofisticado – não necessariamente a verdade – o ‘desgostar-se de si’ convive lado a lado com o ‘docilizar-se’ frente aos outros. A ideia de pureza dos argumentos se funde à de beleza dos efeitos provocados no comportamento do interlocutor. Aos olhos do sofista isto é pura felicidade. Se os argumentos, por mais meândricos e ininteligíveis que sejam, conseguirem docilizar, expressão muito ligada à ideia alienar, consideram-se os objetivos do discurso plenamente alcançados.

Por sua vez, em *Vigiar e Punir*, Foucault é categórico em relação ao poder alienante e docilizante que os discursos exercem sobre os corpos. Vejamos:

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (FOUCAULT, 1987, p. 163. Grifos nossos).

Portanto, por esse viés, o discurso negacionista científico parece se estabelecer como estratégia meio e, com efeito docilizante, agindo sobre todos os corpos para um único objetivo fim: mitigar a doença para fins político-eleitorais. Neste caminho, a consolidação do *meme* da gripezinha se torna estratégia meticulosa de uma tragédia anunciada cujos atores incorporaram no grande teatro da vida ‘a doce morte’ como desfecho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que vimos, ouvimos e experienciamos entre 2020 e 2021, diante do cenário da pandemia da Covid-19 – até o surgimento efetivo da vacina – foi a reiterada sistematização de

um discurso oficial, e essencialmente negacionista, comandado pelo marketing do Estado brasileiro, em essência falso. Alguns sofistas, travestidos de médicos, institucionalizaram a falsidade não como o oposto da verdade, mas e, sobretudo, como algo diferente desta, uma espécie de verdade. Assim, quebrou-se o interdito parmediniano do não se poder dizer o ‘que não é’, já que este simplesmente não existe, e se inaugurou, durante este período, uma sequência de formações discursivas cristalizadas durante a pandemia. Assim, na arquitetura dos discursos lentamente gestados, a verdade deixa de ser, no dizer parmediniano, uma qualidade de uma proposição que descreve um estado de coisas tal como ele, mas como eu afirmo que seja: passa a valer mais a opinião, nos moldes da República de Platão, do que essencialmente a verdade, enquanto essência. A capacidade de influenciar, pelo poder, por exemplo, do discurso negacionista de eficácia da vacina, se sobrepõe à verdade. A realidade dos fatos – o aumento crescente e assustador da quantidade de mortes no mundo – passa a ser substituída pelo macabro discurso alienantemente político-ideológico de construção, no imaginário da população de uma verdade: a da impossibilidade do ser e a da absoluta inutilidade do saber. A grande verdade passa a ser o desprezo pelo saber historicamente construído.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. (Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini). 2ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (Tradução: Raquel Ramalhete). Petrópolis: Vozes, 1987.

LEONTINOS, Górgias de. *Paráfrase do MSX do Tratado do Não-ser de Górgias de Leontinos*. Apresentação e tradução de Aldo Dinucci. In: *Revista Trans/Form/Ação*. São Paulo: 31(1): 2008, (p. 197-203).

_____. *Testemunhos e Fragmentos*. (Tradução de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro). Coleção Mare Nostrum. Edições Colibri. S/d.

PARMÊNIDES. *Da Natureza*. (Tradução, notas e comentários José Trindade Santos). 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.



“A COVID-19, uma gripezinha!”: A interface entre o olhar parmenidiano e gorgiano acerca do discurso oficial frente à pandemia do coronavírus

NÓBREGA, M. V.

PLATÃO. *A República*. (Tradução: Enrico Corvisieri). (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. *O Sofista*. (Tradução: Carlos Alberto Nunes). Fonte Digital Site “O Dialético” www.odialetico.hpg.ig.com.br/, 2003.